

Lazer noturno e resistências juvenis em tempos de (pós-)pandemia: o caso dos jovens do bar Antù em Lisboa¹

Nighttime leisure and youth resistance in (post-)pandemic times: the case of young people from the Antù bar in Lisbon

Guilherme Teixeira Costa

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa, Lisboa, Portugal

Otávio Raposo

Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Portugal

João Carlos Martins

Escola Superior de Gestão Hotelaria e Turismo, Universidade do Algarve, Faro, Portugal

Manuel Garcia-Ruiz

Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Portugal

Jordi Nofre

Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, Universidade NOVA de Lisboa, Lisboa, Portugal

RESUMO

Em Lisboa, desde o primeiro verão pandêmico, observamos o surgimento de novos atores informais na noite turística do antigo bairro portuário do Cais do Sodré que desenvolviam práticas alternativas de lazer com algumas particularidades: são jovens de nível socioeconômico precário, apresentam traços culturais alternativos e concentram-se para socializar e consumir álcool no espaço público em frente ao bar Antù. Esses jovens são vistos pelas autoridades públicas e por seu braço repressivo policial como atores “indesejáveis” à “normalidade” da noite turística do Cais do Sodré. A sua “alteridade”

¹ Este trabalho teve o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (CEECIND/01171/2017, SFRH/BD/121842/2016), do Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa, e do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia – Instituto Universitário de Lisboa.

Recebido em 19 de junho de 2022.
Avaliador A: 15 de julho de 2022.
Avaliador B: 28 de julho de 2022.
Aceito em 17 de outubro de 2022.



(ligada a cor de pele, estética corporal e classe social) constitui-se como um elemento perturbador na noite turística da *Pink Street*. Essa área de diversão noturna tem uma natureza marcadamente hedonista e orientada quase exclusivamente para indivíduos brancos (lisboetas ou não) de classe média alta. Este artigo, resultante de um enfoque etnográfico, visa a analisar a dialética desigual entre a repressão policial (por vezes, violenta) e a resistência performativa dos atores “indesejáveis” da noite turística do Cais do Sodré. O artigo argumenta que os espaços em causa – o bar Antù e o espaço público situado ao redor do estabelecimento – não só emergem como palcos de uma forma de resistência performativa e recusa dos valores sociais capitalistas, mas também como um local que proporciona alternativas de (de)construção comunitária e coesão social dentro de um contexto pós-pandêmico profundamente criminalizado, racializado e punitivo.

Palavras-chave: Lazer Noturno, Sociabilidades, Jovens, Festa, Pink Street.

ABSTRACT

In Lisbon, since the first pandemic summer, we have observed the appearance of new informal actors in the tourism-oriented nightlife of the former harbor neighborhood of Cais do Sodré who develop alternative leisure practices with specific particularities: these actors are precarious young people from an economic and social perspective, present have particular cultural alternative traits, and gather to socialize and drink alcohol in the public space in front of the Antù bar. These young people are seen by the public authorities and their repressive police as “undesirable” actors to the “normality” of the tourist night of Cais do Sodré. Their “otherness” (skin colour, body aesthetics and social class) constitutes a disturbing element in the tourist night of the Pink Street. This nightlife area has a markedly hedonistic nature and is almost exclusively oriented towards white upper-middle-class individuals (be they Lisboners or not). This article, which results from an ethnographic approach, aims at analyzing the unequal dialectics between (occasionally violent) police repression and the performative resistance of the “undesirable” actors of the tourist night of Cais do Sodré. The article argues that Antù bar and the public space around it do not only emerge as stages of a form of performative resistance and a refusal of capitalist societal values, but also as a site that provides alternatives of community building and social cohesion within a deeply criminalized, racialized and punitive post-pandemic context.

Keywords: Night leisure, Sociability, Youth, Party, Pink Street.

INTRODUÇÃO

Sexta-feira, 10 de dezembro de 2021. São 1h30 da madrugada e cerca de 100 jovens (com idades entre 16 e 25 anos) reúnem-se, de maneira informal, perto do bar Antù para beber e conversar ao som do funk *proibidão*. A destoar de outros frequentadores da vida noturna do bairro lisboeta do Cais do Sodré, esses jovens detêm marcadores simbólicos que os associam a diferentes culturas urbanas: são skatistas, escritores, rappers e funkeiros (CAMPOS, 2020)². Usam roupas de *streetwear* – moletons com capuz, camisas com símbolos de grafitti, casacos *grunge*, bonés e tênis muito coloridos –, têm tatuagens e *piercings* visíveis, e muitos levam um skate sempre consigo. Num bairro que se transformou ao longo dos últimos quinze anos numa das principais zonas da cidade para a diversão noturna dos turistas (NOFRE *et al.*, 2019), esses jovens destacam-se por trazer as bebidas alcoólicas que partilham entre si de casa, embora outros comprem cerveja de vendedores informais, com quem chegam a estabelecer relações singulares de proximidade. O sotaque dos jovens e o estilo musical que ouvem, a partir de uma caixa de som portátil, torna evidente a predominância de brasileiros no grupo, muitos deles negros, a que se juntam também portugueses brancos e/ou afrodescendentes.

O bar Antù localiza-se na rua do Corpo Santo, no extremo oriental do bairro do Cais do Sodré, uma rua adjacente da *Pink Street* (a rua Nova de Carvalho), mundialmente famosa por ser o centro nevrálgico da vida noturna (turistificada) do antigo bairro portuário do Cais do Sodré (NOFRE *et al.*, 2019). Nos anos prévios à eclosão da pandemia de covid-19 surgiram novas atividades econômicas noturnas formais (ligadas a restaurantes, bares e discotecas) e informais (venda de droga, de comida e bebida na rua). Em particular, ressaltamos o forte crescimento da economia formal do lazer noturno no Cais do Sodré durante os anos prévios ao surto pandêmico, que foi acompanhado por um aumento notável da presença de jovens e jovens adultos cujas práticas de socialização noturna eram alternativas ao modelo econômico proposto. Para eles, as práticas de lazer noturno consistiam simplesmente em estar na rua a beber cerveja e a conversar com os seus amigos e amigas. Alguns deles até ligavam o Spotify nos seus smartphones como forma de musicalizar a ‘sua’ noite no Cais do Sodré. Defendemos que essas

2 Não é o objetivo deste artigo discutir profundamente, em termos teórico-conceituais ou empíricos, a categorização da juventude do bar Antù nos campos das subculturas juvenis como sinônimo de desvio e resistência. Ressaltamos, neste âmbito, o trabalho profundo desenvolvido na década de 1970 pelo Centro de Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade de Birmingham, voltado às noções de pós-subculturas juvenis ou neotribos desprovidas de qualquer nuance de resistência e/ou contestação política.

práticas sociais de lazer informal, situadas nas margens (em termos espaciais e simbólicos) da noite turística da *Pink Street* surgiram como certa contestação social espontânea à extrema turistificação da vida noturna do Cais do Sodré. Ressaltamos, nesse âmbito, que a progressiva entrada de um público de natureza turística operou um processo profundo de transformação do ambiente noturno preexistente, marcadamente alternativo até à criação da *Pink Street* (NOFRE *et al*, 2019).

A configuração de dois ambientes noturnos tão diferenciados e contrastantes pode ser lida como uma expressão visível da autoconstrução do “espaço dos locais” – usando a terminologia de Goffman (1993) –, em oposição ao espaço “colonizado” pelos agentes e pelas forças econômicas extrativas ligadas à forte e rápida turistificação da cidade. Noutras palavras, enquanto centenas de turistas, portugueses de classe média e estudantes universitários internacionais do programa Erasmus – os dois últimos grupos clara e visivelmente inferiores em quantidade em relação ao número de frequentadores turistas – usufruem quer do espaço público, quer dos estabelecimentos de diversão noturna na *Pink Street*, a presença de centenas de jovens e jovens adultos envolvidos em práticas informais de socialização no espaço público noturno apresenta uma dinâmica contestatória performativa. Pretende salvaguardar o caráter popular, informal e mesmo imprevisível da “noite” no Cais do Sodré em face da noite normatizada, heteropatriarcal, racial e socialmente higienizada que podemos encontrar na *Pink Street*.

De fato, interessa salientar que a utilização do termo “nas margens” no parágrafo anterior não é, de forma alguma, superficial ou gratuita. A vida noturna na *Pink Street* e na zona central do Cais do Sodré está caracterizada por uma elevada presença de estabelecimentos noturnos, que, como já afirmamos, é exclusivamente orientada para o turismo. Esse processo de transformação urbana resulta de (1) uma intensa revitalização socioeconômica e gentrificação da “noite” do Cais do Sodré entre 2011 e 2015 e, posteriormente, (2) de um intenso processo de turistificação do bairro e, conseqüentemente, de sua vida noturna, de 2015 até a data presente. Ambos os processos levaram não só ao encerramento de locais emblemáticos frequentados por homens lisboetas com idades mais de 50 anos, mas também à deslocação espacial dos “indesejados”, isto é, adolescentes negros, jovens e jovens adultos dos subúrbios da classe trabalhadora de Lisboa e de sua área metropolitana, bem como de outros migrantes racializados cuja cor de pele produz situações de subalternidade forçada, especialmente nos controles de acesso aos locais ou na relação com as forças policiais (NOFRE, 2013; NOFRE *et al*, 2019; 2020a).

Este artigo não tomará como objeto de estudo o bar Antù, “um local [para] partilhar ideias e colaborar com projetos novos na cultura, dentro do skate, moda, cultura, arte” (VALENTE, 2021), inaugurado durante o segundo verão pandêmico, em 2021, e concebido para atrair os

milhares de nômades digitais europeus e americanos (do sul e do norte), artistas freelancers, hipsters etc., que têm chegado a Lisboa desde meados da última década. O nosso foco são as práticas de lazer contestatório e performativo dos jovens *alternativos* que partilham horas e horas a beber e a conversar em frente deste estabelecimento.

A literatura acadêmica internacional tem prestado uma atenção significativa ao fenômeno sociológico definido pela concentração de dezenas (ou mesmo centenas) de jovens que bebem álcool na rua, em parques ou noutros espaços públicos durante a noite (BROMLEY e NELSON, 2002; ROBINSON, 2009; DEMANT e LANDOLT, 2014; FREITAS *et al*, 2020; GARCÍA-RUIZ *et al*, 2021). No entanto a maioria desses artigos apresenta uma perspectiva baseada na criminalização do consumo de álcool por adolescentes e jovens, deixando de lado outras facetas menos explícitas desse consumo não normativo, como a contestação performativa e mesmo politizada, caso de algumas raves e *free-parties* (GRONDEAU e DOURTHE, 2020; HOLM, 2021; GIAVER LÓPEZ, 2022). Falamos de práticas de resistência a formas de poder autoritário, adultocêntrico, classista, racista e com um forte caráter estigmatizador e punitivo. Como se verá neste artigo, esse é o caso de jovens cuja “noite” consiste simplesmente em beber cerveja, conversar e ouvir a música que vem do bar ou de suas caixas de som portáteis na rua do Corpo Santo, em frente ao bar Antù, no antigo bairro portuário do Cais do Sodré, em Lisboa.

OBJETIVOS

A evolução das diferentes epistemologias das ciências sociais e especialmente dos estudos sobre a juventude no Sul Global, no Leste Global e no Norte Global apontam para o potencial agenciador de resistência e emancipação das práticas sociais informais na rua (HUBBARD e LYON, 2018). Orientam-se contra as forças extrativas capitalistas (investidores imobiliários e hoteleiros), contestando os processos de despossessão material e simbólica das comunidades locais (POSPĚCH, 2021). Este artigo visa analisar a dialética desigual entre a repressão policial, por vezes violenta, e a resistência performativa dos atores “indesejáveis” da noite turística do Cais do Sodré.

Embora os autores deste artigo já tenham explorado esse tema em trabalhos anteriores (NOFRE, 2013; NOFRE *et al*, 2019, 2020b), este artigo toma como referência o atual período pandêmico, entre 2020 e 2022, que apresenta uma diversidade de atores envolvidos nessa dialética desigual, comparada aos anos anteriores à pandemia. A implementação da *pandemic politics*

(SHEPHERD; MACKENDRICK; MORA, 2020; ADOLPH *et al*, 2021; ALTIPARMAKIS *et al*, 2021; PETERS *et al*, 2022; SOMMER e RAPPEL-KROYZER, 2022) e suas fortes restrições sanitárias e sociais punitivas, criminalizadoras e racializadoras, no caso português (NOFRE, 2021), implicaram transformações significativas na noite lisboeta.

Observamos o desaparecimento quase absoluto de todos os atores informais que caracterizaram os primeiros anos de transição entre a “noite tradicional” no Cais do Sodré e a nova noite turística (ligada, por exemplo, aos traficantes de droga de etnia cigana oriundos da área metropolitana do Porto e aos vendedores de cerveja de origem bengali). Alguns reapareceram na zona após a reabertura da noite, como verificamos em nosso trabalho de campo observacional, mas novos atores informais surgiram à margem da noite turística: os jovens que bebem na rua em frente ao bar Antù. Esses jovens são vistos pelas autoridades e por seu braço repressivo policial como atores “indesejáveis” à “normalidade” da noite turística do Cais do Sodré, uma vez que sua “alteridade” (ligada a cor da pele, estética corporal e classe social) constitui um elemento perturbador na noite turística da *Pink Street*, de natureza marcadamente hedonista e exclusiva para indivíduos brancos (lisboetas ou não) de classe média alta. É por isso que a *etnografia de guerrilha* apresentada abaixo toma os jovens do bar Antù como objeto de estudo privilegiado.

Figura 1. Localização da área de estudo: Bar Antù e a *Pink Street* no antigo bairro portuário do Cais do Sodré em Lisboa



Fonte: Elaboração própria a partir do Google Earth (2022).

A primeira parte do artigo visa a apresentar uma breve descrição da biossecuritização³

³ O termo “biossecuritização” é relativamente novo nas ciências sociais. Erik Baekkeskov (2022), contudo, assinala que, “desde cerca de 1990, os estudiosos e agências de saúde pública têm estado cada vez mais preocupados com

da noite do Cais do Sodré como resultado da implementação de medidas sanitárias e sociais, no sentido de amenizar e combater os efeitos associados à pandemia resultante da disseminação do vírus covid-19. A segunda parte do artigo focará a análise de um conjunto de práticas de socialização juvenil no espaço público materializadas através de ajuntamentos maciços de jovens, que se reúnem para beber e conviver. De nosso ponto de vista, esses encontros configuram-se como uma resposta à *pandemic politics* e à sua visão criminal e punitiva da “noite” e dos “jovens desviantes”. A terceira parte do artigo examina o desenvolvimento de uma dialética desigual entre as forças policiais e os jovens alternativos do bar Antù, cuja precariedade econômica (e, em alguns casos, cor da pele) impede sua integração na dinâmica normativa e comercializada da noite turistificada do Cais do Sodré. O artigo finaliza argumentando que o espaço em causa, o bar Antù e o espaço público situado ao redor do estabelecimento, não só emerge como palco de uma forma de resistência performativa e de recusa dos valores sociais de natureza comercial, mas também como um local que proporciona alternativas de construção comunitária e coesão social num contexto pós-pandêmico profundamente criminalizado, racializado e punitivo.

METODOLOGIA

A realização desta investigação baseou-se naquilo que DeHart (2020) aponta sobre a necessidade de explorar novas “estratégias analíticas e metodológicas para enfrentar as atuais contingências da (i)mobilidade da investigação, bem como para iluminar elementos importantes da nossa realidade global em mutação” (DEHART, 2022). Na primeira parte do artigo, voltada à descrição e à análise do cenário de covid-19 na *cidade noturna*, os autores se utilizaram da chamada “etnografia de guerrilha” (JURIS; KHASNABISH, 2013). Essa abordagem permite verificar o potencial de contestação da política pandêmica desenvolvido por jovens e jovens adultos locais, estudantes do programa Erasmus e turistas em nossa área de estudo, o bairro do Cais de Sodré. O trabalho de observação de campo operacionalizou-se em horário noturno, incidindo principalmente em dois períodos significativos: (1) de 19 março 2020 a 3 de maio 2020 e (2) de 9 de novembro 2020 a 29 de abril de 2021, que coincidiram com a declaração,

a biossegurança geral ligada a numerosas ameaças de doenças, tanto naturais como provocadas pelo homem” (BAEKKESKOV, 2022). Neste artigo, definimos a biosegurização como o conjunto de respostas legislativas – leis, normas, regulamentos, resoluções e decretos – e estratégias lideradas por diversas entidades públicas locais e centrais públicas rapidamente ativadas a fim de minimizar os riscos associados à biossegurança em contextos urbanos, especialmente em tempos de pandemia (NOFRE, 2021).

por parte do governo português, de “estados de emergência”, que implicavam um conjunto de restrições à circulação no espaço público, assim como à abertura de espaços comerciais. Ao mesmo tempo, foi feita uma compilação sistemática de todas as figuras legislativas *ad hoc* que foram aprovadas tanto pelo governo nacional como pela Câmara Municipal de Lisboa para a implementação de restrições sanitárias e sociais no contexto da luta contra a pandemia. Embora este artigo não inclua todos os decretos, resoluções e despachos aprovados para o efeito (por questões relacionadas à sua extensão), foi realizada uma leitura abrangente e crítica de todos eles, o que possibilitou uma síntese da informação recolhida para uma leitura mais compreensiva deste artigo.

Na segunda e na terceira parte deste artigo, os autores desenharam uma etnografia exploratória do período compreendido entre junho de 2020 e maio de 2022, que substituiu a etnografia de guerrilha, já referida, durante o segundo período de estado de emergência, entre 9 de novembro de 2020 e 29 de abril de 2021. Assim, a etnografia exploratória apresentada neste artigo combinou: (1) trabalho de campo observacional, (2) coleta de material visual fotográfico, (3) descrição das observações feitas no diário de campo do primeiro autor, (4) entrevistas semiestruturadas com diferentes informantes privilegiados (n = 25), entre eles os gerentes dos estabelecimentos Antù, Liverpool e Roterdão (n = 3), jovens brasileiros alternativos (n = 20) e seguranças e empregados dos estabelecimentos (n = 2); e (5) 53 conversas informais *in situ*, com a anotação de partes significativas das entrevistas no diário de campo do primeiro autor. Alguns excertos poderão ser visíveis ao longo do artigo, tendo sido devidamente anonimizados todos os registros. O tratamento dos dados pessoais (idade, nacionalidade ou origem geográfica, estatuto profissional, etc.) recolhidos em alguns dos casos foi efetuado no estrito cumprimento do Regulamento Geral de Proteção de Dados Pessoais – Regulamento nº 2016/679 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 27 de abril de 2016.

“SÓ COM O CERTIFICADO, POR FAVOR”: PANDEMIA E LAZER NOTURNO NA PINK STREET

Por conta da pandemia de covid-19 e do fechamento obrigatório dos estabelecimentos noturnos imposto pelo governo português por meio do Decreto nº 2-A/2020, de 20 de março, muitos proprietários de bares, discotecas e clubes noturnos fizeram ecoar suas vozes. As profundas preocupações que advêm da interrupção indefinida das atividades econômicas

noturnas tornaram-se rapidamente visíveis na esfera da opinião pública (NOFRE *et al*, 2020a, GARCÍA-RUIZ *et al*, 2021). Depois de fecharem as portas dos estabelecimentos durante longos meses, os bares e as discotecas reabriram ao público no dia 1º de agosto de 2020, embora sem pista de dança e com regras ligadas a lanchonetes, segundo o artigo 18.2 da Resolução do Conselho de Ministros nº 55-A/2020, de 31 de julho), o que implicava o consumo obrigatório de pequenas refeições por parte dos potenciais clientes.

Apesar de alguns estabelecimentos optarem por continuar abertos dentro de um regime com restrições, vários espaços reorganizaram suas atividades, alterando radicalmente as paisagens noturnas da cidade de Lisboa (GARCÍA-RUIZ *et al*, 2021). De fato, essa transformação teve uma primeira fase de implementação no mês de maio de 2020. Assim, no dia 2 de maio daquele ano, com o fim da última prorrogação do estado de emergência, Portugal passou para o estado de calamidade, que incluía um plano de desconfinamento trifásico, vigente até o início de junho, regulamentado pela Resolução do Conselho de Ministros nº 33-C/2020, de 30 de abril. Em seguida, a Câmara Municipal de Lisboa permitiu a “isenção temporal das taxas relativas à ocupação do espaço público”, para minimizar a perda de receitas dos diferentes estabelecimentos de lazer noturno, desde que “não prejudiquem a circulação dos peões” e “assegurando o estrito cumprimento da regra do afastamento mínimo de 2 metros”, segundo o artigo 50.1 do Regulamento Geral de Mobiliário Urbano e Ocupação da Via Pública, de 21 de maio de 2020. Essa legislação *ad hoc* resultou no aumento da taxa de ocupação das esplanadas – extensões dos estabelecimentos com mesas e cadeiras muito comuns na realidade europeia – no espaço público, incluindo passeios e calçadas, principalmente na *Pink Street*.

Figura 2. Uso do espaço por parte do clube noturno Liverpool, em regime de esplanada. *Pink Street*, Cais de Sodré, Lisboa, em 2021



Fonte: Guilherme Teixeira Costa (2021).

Quando questionamos os donos dos estabelecimentos do Cais do Sodré, na nossa pesquisa de terreno acerca do uso de esplanadas, alguns nos confirmaram que já realizavam essa prática antes da pandemia. Não obstante, cerca de dois terços da totalidade dos estabelecimentos do bairro viram-se obrigados a aumentar a área das esplanadas, iniciando esse processo de ocupação espacial desde finais de 2020. Essa alteração resultou da obrigatoriedade do distanciamento social entre mesas. Já que o espaço disponível para as esplanadas pré-determinado pelo Regulamento Geral de Mobiliário Urbano e Ocupação da Via Pública, os donos dos estabelecimentos viram-se obrigados a arranjar um conjunto de táticas informais temporárias para fazer face às perdas de rendimento. Essas estratégias operaram uma reconfiguração espacial de seus negócios, no sentido de contrariar o impacto econômico produzido pela biossecuritização do espaço urbano (NOFRE, 2021), que em vários casos implicou um conjunto de demissões de trabalhadores, assim como linhas de financiamentos governamentais para compensar as perdas dos empresários. Foi então construído um *consenso informal* (a terminar no mês de submissão deste artigo, setembro de 2022), que permitiu aos estabelecimentos ocupar o espaço público em frente dos estabelecimentos que, adjacente e localizados, se encontravam fechados. Um exemplo bastante notório dessa realidade de consenso informal é a do clube noturno Liverpool (figura 2). No momento da nossa exploração do terreno, o clube utilizava a área defronte da Cervejaria

Cais, localizada à esquerda do estabelecimento. Aliás, segundo o proprietário do bar Liverpool – que antes da pandemia tinha conseguido uma licença de discoteca e dessa forma podia ficar aberto até às 6h –, o estabelecimento passou a deter uma licença de restaurante; dessa forma, pôde continuar com as portas abertas, em meio às restrições impostas pela chamada *pandemic politics*.

A reconfiguração espacial dos estabelecimentos de diversão noturna, assim como do seu espaço público intersticial, teve repercussões significativas nas práticas de lazer dos frequentadores da noite. As mudanças de tipologia, ou seja, de utilização formal dos estabelecimentos, não afetaram apenas os elementos servidos (pequenas porções de comidas tradicionais, sanduiches e batatas fritas), mas também os clientes, que passaram a apresentar características sociais e econômicas diferenciadas, consistindo em clientes mais velhos e com maior poder aquisitivo. Os estabelecimentos também tiveram de operar transformações em sua organização diária, implicando um maior planejamento do uso dos espaços, nomeadamente do uso das mesas, que passaram a ser reservadas antecipadamente. Em face das restrições existentes, os clientes tinham de permanecer sentados e, quando se levantassem por algum motivo, usar uma máscara sanitária. Onde antes encontrávamos pistas de dança, passamos a encontrar mesas dispostas a intervalos de dois metros, num regime de restaurante (GARCÍA-RUIZ *et al*, 2021). No entanto nosso trabalho de campo observacional no Cais do Sodré permitiu-nos ver centenas de turistas a beber no meio da rua, à noite, sem estarem sentados, sem máscaras para cobrir a boca e o nariz, sem aplicar higienizadores de mãos nem manter qualquer distância física entre seus pares. Em outras palavras, sem respeitar a legislação nacional e o plano local contra a covid-19 (figura 3).

Figura 3. Algumas dúzias de frequentadores da noite na *Pink Street* em tempos de pandemia, setembro de 2020



Fonte: Jordi Nofre (2020).

Numa fase posterior, quando os estabelecimentos de diversão noturna foram autorizados a voltar a funcionar com espaços de dança – situação prevista pela Resolução do Conselho de Ministros nº 135-A/2021, de 29 de setembro –, passou-se a requerer a apresentação de resultados de testes rápidos de detecção de covid-19 por parte dos clientes. Independentemente do dia da semana ou da hora, milhares de pessoas tiveram de passar a apresentar o resultado dos testes à entrada dos bares, discotecas e clubes noturnos. Com base nessa medida, o acesso a esses espaços deixou de implicar o uso de máscaras faciais por parte dos clientes. De modo contrário, os trabalhadores do estabelecimento ainda tinham de usá-las. Também foi passada

aos estabelecimentos a responsabilidade de proibir a entrada de utilizadores que apresentassem sintomas semelhantes aos da covid-19, dispensar produtos desinfetantes à porta e garantir uma limpeza adequada do espaço após a interrupção das atividades de consumo.

Figura 4. Imagem de um posto de testagem privado em frente ao Bar Oslo e ao Bar Liverpool, na *Pink Street*⁴



Fonte: Guilherme Teixeira Costa (2021).

⁴ O posto é partilhado com a discoteca Music Box, que fica também na mesma rua, quase em frente do Bar Liverpool.

A Câmara Municipal de Lisboa chegou até mesmo a disponibilizar quatro centros de testagem gratuitos, que funcionavam das 8h até as 2h, em vários locais da cidade. Um dos centros de testagem ficava localizado no Cais do Sodré (figura 4), bastante perto dos locais de diversão noturna da *Pink Street*. No entanto este e outros centros de testagem se encontravam bastante movimentados, rodeados por uma centena que esperava em filas, a qualquer hora da noite. De forma a agilizar o processo, o bar Oslo e o Music Box da *Pink Street* realizaram uma parceria cuja finalidade era instalar um posto de testagem privado, porém gratuito (figura 4). Inicialmente pensado para o usufruto de todos os clientes dos bares da *Pink Street*, Esse posto acabou sendo utilizado por uma vasta fatia da população que não ia para os estabelecimentos que pagavam esse serviço.

PÂNICO PANDÊMICO⁵ E RESISTÊNCIAS JUVENIS

Apesar dos estabelecimentos terem tentado se adaptar às novas lógicas impostas, os circuitos informais localizados em áreas menos centrais da cidade turística começaram a surgir em resposta à restrição da diversão noturna (GARCÍA-RUIZ *et al*, 2021). Em meio à falta de estabelecimentos abertos e/ou disponíveis para os jovens de natureza socioeconômica mais desfavorável, o bloqueio imposto pelo governo nacional foi rapidamente quebrado por centenas de grupos. Mesmo impossibilitados de comprar bebidas e banidos de consumir álcool na rua, os jovens recorriam a vendedores informais, trabalhadores noturnos ambulantes que abastecem de bebidas e alimentos pequenos ajuntamentos – muitas vezes preparados por eles próprios em casa –, de forma ininterrupta. Um exemplo é Tia, a vendedora informal de origem angolana que circula por todo o Cais do Sodré e em particular pelo espaço público em frente ao bar Antù, com quem os nossos informantes privilegiados indicam ter estabelecido uma relação de frequência e ajuda singular. A Tia foi igualmente determinante para nossas incursões de terreno, detalhando-nos suas estratégias de fuga das autoridades policiais, a visão que os donos dos bares tinham de sua atividade, assim como da natureza dos jovens que regularmente socializam à noite nos espaços públicos.

Ao discutir a transgressão dos jovens em prol das festas e da vida noturna, os conceitos

5 Conceito proposto originalmente pelo veterinário e epidemiologista David Waltner-Toews (2009), em seu livro *The chickens fight back: pandemic panics and deadly diseases that jump from animals to humans*.

de *escapismo* e *evasão* são invocados. Existe uma relação direta entre o desejo de desviar o estado emocional ou mental por meio do entretenimento e da participação de atividades de lazer (ABIDI, 2021). Uma abordagem espaço-temporal que compreenda as práticas de socialização e consumo de álcool em frente do bar Antù durante a noite nos possibilita uma aproximação à noção de “heterotopia do lazer”, reapropriando uma terminologia de Foucault (1984). Esse conceito é caracterizado pela “libertação temporária das restrições e regulamentos que caracterizam o cotidiano [...] onde as pessoas são momentaneamente autorizadas a inverter as normas sociais” (WILKS; QUINN, 2016, p. 26). Por outro lado, a partilha de uma *evasão coletiva* fornece elementos simbólicos materiais e imateriais que fomentam a vontade de afirmar um modo específico de viver a juventude, em que o uso do tempo não é programado principalmente para “relaxar e manter relações sociais ou para se retirar e dar sentido e significado à panóplia de sensações e informações que bombardeiam diariamente as vidas dos jovens” (ABBOTT-CHAPMAN e ROBERTSON, 2009, tradução nossa). Para ilustrar esse processo de evasão, agora daremos espaço aos discursos de alguns dos jovens que foram entrevistados:

A pandemia entrou, eu fiquei sem trabalho, os estudos também pararam [...], e eu fiquei literalmente sem fazer nenhum. Estava fechado em casa todos os dias, mal tinha objetivos de vida, não fazia nada sem ser desenhar e pintar. [...] Faz-me bastante falta o ambiente da cidade, e é por isso que também saio bastante à noite. Gosto muito do movimento, sinto-me no meu ambiente. (ANDRÉ, português, 20 anos, 2022).

Veio a pandemia e começou a ficar fodido para todo o mundo, o trabalho e tudo mais. [O comportamento antes da pandemia] era a mesma coisa, mudar o meu comportamento assim, não. (JOÃO, brasileiro, 23 anos, 2022).

Lógico, *lockdown* é pra trouxa. Não me leva a mal, pô. O governo quer que nos prende. Não vamos prender, tá ligado? Só se eu estiver mesmo na cadeia por eu estar preso. Falar “olha, não pode sair de casa”. Tá bom, vou sair mesmo. (PEDRO, brasileiro, 25 anos, 2022).

Como resultado desse processo, começaram a surgir múltiplas denúncias direcionadas para os jovens alternativos da *Pink Street* por parte de residentes que viam seu novo silêncio interrompido. Essa posição criminalizante e punitiva dos residentes parece reproduzir estereótipos que muitas vezes retratam os jovens como desagradáveis, incivilizados ou ameaçadores, sinalizando um declínio dos padrões morais (ARAMAYONA *et al*, 2019). O papel da comunicação social foi fundamental para a consolidação dessa posição. O surgimento de manchetes na mídia como “Pandemia de coronavírus não afasta centenas de jovens da noite no Cais do Sodré em Lisboa” (PANDEMIA..., 2020), “Restrições não travam ajuntamentos de jovens à noite em Lisboa” (CRISTINO, 2021) ou mesmo “Com as discotecas fechadas, jovens fazem a festa a céu aberto em Lisboa” (COM AS..., 2021) são representativas desse discurso.

Baseado nesse tipo de visão, o reforço da intervenção policial passou a ser a norma imposta, impossibilitando uma vez mais a diversão noturna, sobretudo quando se trata da diversão de jovens imigrantes e/ou afrodescendentes associados a culturas urbanas consideradas *desviantes* (RAPOSO *et al*, 2019). Os policiais que patrulham a noite de Lisboa tendiam (e tendem) a discriminar os jovens alternativos e suas práticas, fazendo com que não se sentissem seguros na sua presença:

Tira de lá a polícia! Há tanto que até chateia. O problema é que há bué [muita] polícia, mas não te transmite segurança, sabes? Eu sou uma pessoa que não está envolvida em esquemas pesados. Tirando o grafitti, e isso não é algo que a polícia vá a andar na rua. A polícia vai lá muito em busca de droga. Eu não ando com droga, portanto não tenho problemas com isso, mas sofro bué discriminação por parte da polícia, nunca pelas pessoas. (ANDRÉ, português, 20 anos, 2022).

Isso é uma realidade, desculpa o termo, uma beca [pouco] fodida. É bué complicado, mano. Não faz sentido. A polícia supostamente é para proteger e dar segurança, mas se vê luzes azuis e ficas com ansiedade, mano... Isso é uma cena [coisa] real para mim, não me meto em grandes aventuras. Não é fixe, não é fixe. (DIOGO, português, 19 anos, 2022).

Eu até discutia com os polícias. Vai me prender porque eu estou na rua? Me pega e jogam preso na cadeia, não estou fazendo nada de errado. Ganhei várias multas, rasguei multa na cara dos polícias, e que se fodam! É a vida. Não paguei nenhuma e não deu nada até hoje. (PEDRO, brasileiro, 25 anos. Entrevista. 2022).

Alguns dos entrevistados chegam, inclusive, a dar testemunhos da violência policial que sofrem. João, André e Pedro relatam suas experiências de discriminação:

No Cais do Sodré tem muito policial. Estava chegando em casa depois do Cais e dei um *tag* [pixo] numa paragem de ônibus, mas tipo num papel todo rasgado. Já estava bêbado também. Peguei na caneta e só dei pro papel, e quando olho para trás tem uma van abrindo as portas, e logo seis policiais saindo de lá. [o entrevistado imita a voz do polícia] “O que é que estás a fazer? Estás a escrever nas paredes, aposto que nem sequer escreves na escola! [...] Mostra-me lá as tuas mãos! Estás a pedir para ficar sem o anel!” (JOÃO, brasileiro, 23 anos, 2021).

Tenho histórias de amigos meus que são apanhados a pintar e que metem-nos no carro, dão uma volta ao quarteirão só para lhes dar pancada e depois atiram-no para onde ele estava outra vez, completamente batido. (ANDRÉ, português, 20 anos, 2021).

Uma vez eu estava pintando uma parede, a fazer um *pixo* de escada. Mano, era tipo uma e meia da manhã, nós achamos que não ia vir polícia nem nada [...]. Eu estou lá em cima, acabando a última letra, e olho pra baixo e tenho dois polícias batendo palmas. [Imita os policiais] Parabéns! O que estás a fazer aí? [...] Tás a gozar? O polícia ficou nervoso não sei por que e queria pintar nós. Não sei qual foi a fita desses polícia daqui. Me algemou e tal. Como eu estava sem documentos, tive que ir a casa buscar o meu documento. Aí, quando estava em casa, ele ficava ameaçando, batendo na minha cara. Que merda, eu fui e dei uma cabeçada. Dormi lá na delegacia nesse dia, algemado num pedaço de ferro lá. (PEDRO, brasileiro, 25 anos, 2021).

A RUA DO BAR ANTÙ: NÃO HÁ OUTRA ESCOLHA

A partilha de experiências, estilos de vida e sociabilidades nas ruas de Lisboa, a que se soma o desgosto pela farda policial, são alguns dos elementos que caracterizam o grupo dos jovens alternativos que se encontram em frente do Antù. Risos e piadas constantes sobre policiais fazem parte de suas práticas noturnas, ritualizadas também em música, como no caso das músicas produzidas por rappers que costumam frequentar este espaço. A discriminação e a repressão constantemente enfrentadas por esse grupo de jovens são elementos importantes para compreender seus complexos processos de construção identitária. Não por acaso, os estilos de vida adotados pelos jovens funcionam como estopins que os leva a combater o estigma e o estatuto de inferioridade socialmente atribuídos. Nesse processo, eles (re)definem novos imaginários sobre si próprios e as práticas que os unem no campo das virtudes (RAPOSO, 2014), fazendo uso de características socialmente desvalorizadas em seus rituais de sociabilidade. O grupo inverte os significados organizados pelo poder instituído, desestabilizando gostos, ideologias e comportamentos convencionais, ao mesmo tempo que cria um porto de abrigo para seus integrantes.

Enquanto se divertem, os jovens pintam as paredes ao som de funk, legitimando uma forma de estar na vida que tende a desvalorizar determinados tipos de normas sociais e instituições que “não vão ao encontro das suas maneiras de ver o mundo” (RAPOSO, 2010, p. 132). Esses momentos são entendidos como partes importantes do processo de confraternização do grupo, uma vez que reforçam a união entre eles. A vivência de situações e momentos que expressam um conhecimento ligado à experiência de rua e à marginalidade social são o que, juntamente com as práticas cotidianas e os estilos de vida, possibilitam a adesão ao grupo sob o céu estrelado. Essa adesão reveste-se de informalidade, pois se assenta na rede de contatos previamente estabelecida, muitas vezes construída a partir de experiências ligadas à mesma cultura urbana. João revela a importância da prática do skate para sua integração no grupo dos jovens alternativos, após ter chegado a Portugal: “Eu sempre fui skatista. Eu cheguei e fui pra pista, mano, e aí foi, fluiu. O skate proporciona, como a gente diz. Tenho vários amigos do skate. E depois veio a pichação, mano [...], com aquilo que vocês chamam de *crew*. Lá é *greif*.” (JOÃO, brasileiro, 23 anos, 2022).

O espaço situado em frente do Antù, na rua Corpo do Santo, passa a ser o local onde o grupo de jovens alternativos se sentem mais livres para viver a juventude à sua maneira, afastando-se dos turistas da *Pink Street* e estabelecendo estratégias e ações de convivialidade

diferentes daquelas praticadas pelos turistas notívagos da *Pink Street*. É estabelecido um intercâmbio de pessoas entre o bar e a rua, dada a necessidade de frequentar os banheiros, comprar bebidas ou simplesmente estar abrigado. Ora, mas essa nem sempre foi a realidade, uma vez que, segundo a entrevista com uma das donas do estabelecimento, o bar existe há apenas mais ou menos nove meses. Os proprietários são de origem brasileira e, desde a sua gênese, procuraram ligar as práticas urbanas, nomeadamente a arte *underground*, ao ambiente de bar. É um estabelecimento que detém uma boa relação com os bares que se encontram à sua volta, coisa que procuraram logo desde o início, também; no entanto o mesmo não pode ser dito da relação que estabelecem com os bares centrais da *Pink Street*. Segundo a proprietária, os bares centrais da *Pink Street* e os bares daquele local são dois mundos diferentes e, por isso, dificilmente terão alguma relação. Quando questionados sobre o espaço e a emergência do bar, os jovens alternativos disseram o seguinte:

Passo na igreja com os tropas [companheiros] e já fico sabendo que vou voltar bêbado. Só uisquizada, os moleque, só pombo [baseado], e aí é foda. É bonito. Você está ali porque aquelas paredes foi nós que pichou. Não tinha nada, só tinha papel, antes de ter o Antù mesmo [...], depois todo o mundo vai fazendo, vários gringo e tal, é da hora. Acho que o Antù foi até mesmo ali criado, depois. Antes do Antù, já tinha ali uns skaters, todo o mundo já ficava na quebrada da igreja fazendo os pixos. Depois que fez a Antù, já mesmo com os skaters, os mano já brotou ali também. Essa é a minha visão. (JOÃO, brasileiro, 23 anos, 2022).

Durante as entrevistas, os jovens mencionam ainda uma outra característica que não pode escapar ao olhar. Contrariamente aos outros estabelecimentos da *Pink Street* (e de todo o Cais do Sodré), o Antù não tem seguranças ou policiais à sua porta. Assim, o espaço que imana experiências coletivas associadas às vivências juvenis se reafirma enquanto refúgio contra a truculência policial, afirmando-se também como um espaço de reivindicação de determinada vivência juvenil.

No Antù, acho que nunca vi lá nenhum segurança. Aquilo é um *spot* respeitado pela malta. É uma rua tranquila. Há seguranças nos bares e discotecas ao lado, mas que nunca se chateiam conosco por estarmos na rua a consumir coisas ou a beber. Está tudo na maior paz, na tranquilidade. Claro que, quando há alguma situação grave, eles também intervêm, mas isso é raro acontecer. [...] O pessoal que consome cenas mais pesadas – também não estou a falar de uma *branca* [cocaína em pó] ou assim –, umas drogas, está mais confortável lá. O pessoal que pinta está bastante confortável lá, porque os seguranças [ao lado] não se chateiam com a gente estar a pintar a parede a frente. O pessoal que faz rap às vezes faz lá rodinhas. Os polícias não curtem rodinhas juntas, mas o pessoal lá pode estar à vontade. (ANDRÉ, português, 20 anos, 2022).

As práticas de sociabilidade dos jovens alternativos do Antù revelam desde as suas angústias e visões de mundo à posição subalterna em que estão inseridos, em termos econômicos

e sociais. É o caso das reduzidas capacidades de consumo, ponto frequentemente mencionado nas entrevistas, bem como do sentimento de ingratidão dos governos para com os jovens e do sacrifício que eles sentiam por estarem fechados em casa, impedidos de viver sua juventude, desperdiçando oportunidades:

Para quê, véi? Eu já devia ganhar dinheiro suficiente para poder começar a minha vida. Posso? Não, porque não ganho o suficiente. A noite me permite esquecer, mesmo que apenas por algum tempo. Permite esquecer isso. (JOÃO, brasileiro, 23 anos, 2022).

Acho que tens lá as oportunidades todas, seja naquilo que for. Acho que a nossa juventude tem de ser aproveitada, mas bem aproveitada, atenção! Quando se fala nas noites de Lisboa, há muita porcaria, no que toca a demasiados excessos aditivos, demasiados comportamentos de malta que só sai à noite para arranjar confusão [...], pá, isso não é nada as minhas *vibes*. Acho que, se fores boa pessoa e se souberes aproveitar bem as oportunidades, a noite de Lisboa pode-te abrir muitas portas. (ANDRÉ, português, 20 anos, 2022).

Quando questionados, todos os entrevistados afirmaram que a fraca capacidade econômica não lhes permite viver a noite da forma que desejam. A maioria das pessoas com quem foi possível falar se identifica como pertencente a estratos sociais baixos, mencionando dificuldades econômicas e obstáculos para avançar e subir na sociedade. É muito comum que os pais e mães tenham empregos precários, com poucos rendimentos. Dentro desse cenário, a participação de atividades de lazer noturno comercial torna-se um problema, devido ao custo elevado de acesso aos estabelecimentos de diversão noturna *mainstream* de Lisboa. Face ao processo de turistificação e gentrificação, esses espaços se tornam cada vez mais inacessíveis aos jovens de classe social baixa de Lisboa, frequentemente de origem migrante e/ou racializada:

Tenho 23 anos, vim de São Paulo e estou aqui em Portugal faz três anos. Trabalho como tatuador e, ainda mais, faço uns extras como empregado de mesa e tal [...]. Eu cresci num ambiente da quebrada mesmo. Morei com a minha mãe e com a minha avó e sempre fui criado na rua, mano. Na rua, desde moleque jogava a bola, e daí começou tudo. Comecei a pintar, pichar as primeiras tintas na rua. Ia ao lixo procurando tinta e, se não tinha rolo, saía na noite e ia na mesma. A vinda para cá [Portugal] deu uma mudada mesmo. Faz três anos. Como eu vim para cá, deu uma estagnada, lá no Brasil era mais correria. Foi o impacto. O clímax da minha história é ir para a Europa e ficar tranquilo, tá ligado? (JOÃO, brasileiro, 23 anos, 2022).

CONCLUSÃO

O aumento de práticas informais no espaço público registrado na vida noturna de Lisboa

desde a primavera de 2021 e exercido por coletivos juvenis (alternativos e não alternativos) tem sua origem numa complexa interação entre diferentes fatores. O surgimento de uma contestação coletiva juvenil do discurso adulto criminalizante e punitivo – produzido por diferentes elementos da frente institucional-midiática (profissionais de saúde, formadores de opinião, jornalistas, representantes políticos etc.) durante a pandemia – apontava a juventude como um grupo de atores subversivos e operadores de risco. O foco nas consequências econômicas da implementação da *pandemic politics*, no entanto, no que se refere à indústria do lazer noturno (NOFRE *et al*, 2020a), e seu impacto negativo na produção e na reprodução das sociabilidades juvenis em contextos de lazer não deve nos fazer esquecer a panóplia de desigualdades sociais, impostas por classe social, etnicidade, idade, orientação sexual e gênero ou a política de preços do estabelecimentos que tem caracterizado (e ainda hoje caracteriza) a indústria da diversão noturna na Europa (CHATTERTON; HOLLANDS, 2003; KOSNICK, 2018; SMITH e ELDRIDGE, 2021). Em inúmeras cidades europeias, têm surgido novas formas de resistência à expansão da noite mais comercial, mercantilizada, ou até exclusivamente virada ao turismo, configurando formas alternativas (por vezes, politizadas) de viver a noite por parte dos jovens (ANDERSON; KAVANAUGH, 2007; GRYNSZPAN, 2019; GRONDEAU; DOURTHE, 2020). É o caso dos jovens alternativos que podem ser encontrados em frente do bar Antù, no bairro do Cais do Sodré, em Lisboa.

No caso desses jovens, a música, as práticas de skate e da pichação durante a noite ocupam um lugar central em sua vida social e cultural, ao mesmo tempo constituindo gramáticas de contestação (1) da hegemonia das desigualdades impostas pelas lógicas de consumo turistificado das outras partes da *Pink Street* e (2) dos frequentes episódios de repressão, criminalização e estigmatização institucional(izada) que os mira pelo simples fato de serem jovens, alternativos e muitas vezes não brancos. Desta forma, o espaço em causa (o bar Antù e o espaço público situado ao redor deste estabelecimento) não só emerge como palco de uma forma de resistência e recusa dos valores societais, mas também como um local que proporciona alternativas de integração social dentro de um contexto pós-pandêmico profundamente criminalizado e punitivo.

REFERÊNCIAS

1. ABBOTT-CHAPMAN, Joan; ROBERTSON, Margaret. Leisure activities, place and identity. In: FURLONG, Andy (ed.). **Handbook of youth and young adulthood: new perspectives and agendas**. New York: Routledge, 2009. p. 243-248.

2. ABIDI, Sophia. Sex, drugs, and parties. The reshaping of young people's nightlife leisure and risky behaviours in Berlin during the pandemic. *In: GARCÍA-RUIZ, Manuel; NOFRE, Jordi (eds.). Proceedings II. International Conference on Night Studies*. Lisboa: CIES-ISCTE, 2021. p. 156-170. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/24529>. Acesso em: 14 out. 2022.
3. ADOLPH, Christopher; AMANO, Kenya, BANG-JENSEN, Bree; FULLMAN, Nancy; WILKERSON, John. Pandemic politics: Timing state-level social distancing responses to COVID-19. *Journal of Health Politics, Policy and Law*, v. 46, n. 2, p. 211-233, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1215/03616878-8802162> Acesso em: 14 out. 2022.
4. ALTIPARMAKIS, Argyrios; BOJAR, Abel; BROUARD, Sylvain; FOUCAULT, Martial; KRIESI, Hanspeter; NADEAU, Richard. Pandemic politics: policy evaluations of government responses to COVID-19. *West European Politics*, v. 44, n. 5-6, p.1159-1179, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01402382.2021.1930754> Acesso em: 14 out. 2022.
5. ANDERSON, Tammy; KAVANAUGH, Phillip. A “rave” review: conceptual interests and analytical shifts in research on rave culture. *Sociology Compass*, New Jersey, v. 1, n. 2, p. 499-519, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1751-9020.2007.00034>. Acesso em: 18 out. 2022.
6. ARAMAYONA, Begoña; GARCÍA-SÁNCHEZ, Rubén; MARTÍN, María Jesús; MARTÍNEZ, José Manuel; CORRALIZA, José Antonio. ¿Vecinos de toda la vida? Nimby, ocio nocturno y desapropiación en centros urbanos. La Latina, en Madrid. *Athenea digital*, v. 19, n. 1, e2194. Disponível em: <https://doi.org/10.5565/rev/athenea.2194>. Acesso em: 18 out. 2022.
7. BAEKKESKOV, Erik. Pandemic Preparedness and Responses to the 2009 H1N1 Influenza: Crisis Management and Public Policy Insights. *In: THOMPSON, W.R. (ed.). Oxford Research Encyclopedia of Politics*. Disponível em: <https://oxfordre.com/politics/view/10.1093/acrefore/9780190228637.001.0001/acrefore-9780190228637-e-1600>. Acesso em: 16 jan. 2022.
8. BROMLEY, Rosemary; NELSON, Amanda. Alcohol-related crime and disorder across urban space and time: evidence from a British city. *Geoforum*, Amsterdão, v. 33, n. 2, p. 239-254, 2002. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0016-7185\(01\)00038-0](https://doi.org/10.1016/S0016-7185(01)00038-0). Acesso em: 14 out. 2022.
9. CAMPOS, Ricardo. Juventude e culturas de rua híbridadas. *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 10, p. 587-613, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2238-38752020v10211>. Acesso em: 14 out. 2022.
10. CHATTERTON, Paul; HOLLANDS, Robert. *Urban nightscapes: youth cultures, pleasure spaces and corporate power*. London: Routledge, 2003.
11. CRISTINO, Sofia. Restrições não travam ajuntamentos de jovens à noite em Lisboa.

- Jornal de Notícias**, Lisboa, 06 jul. 2021. Disponível em: <https://www.jn.pt/local/noticias/lisboa/lisboa/restricoes-nao-travam-ajuntamentos-de-jovens-a-noite-em-lisboa-13909089.html>. Acesso em: 14 out. 2022.
12. DEHART, Monica. Thinking Ethnographically in Pandemic Times. **Insights from the Social Sciences**, 21 maio 2020. Disponível em: <https://items.ssrc.org/covidCOVID-19-and-the-social-sciences/social-research-and-insecurity/thinking-ethnographically-in-pandemic-times/>. Acesso em: 18 out. 2022
 13. DEMANT, Jakob; LANDOLT, Sara. Youth drinking in public places: the production of drinking spaces in and outside nightlife areas. **Urban Studies**, Glasgow, v. 51 n. 1, p. 170-184, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0042098013484532>. Acesso em: 14 out. 2022.
 14. COM AS discotecas fechadas jovens fazem a festa a céu aberto em Lisboa. **Euronews**, Lisboa, 20 set. 21. Disponível em: <https://pt.euronews.com/2021/09/20/com-as-discotecas-fechadas-jovens-fazem-a-festa-a-ceu-aberto-em-lisboa>. Acesso em: 14 out. 2022.
 15. FOUCAULT, Michel. Des espaces autres. **Architecture, Mouvement, Continuité**, Paris, n. 5, p. 46-49, 1984. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-empan-2004-2-page-12.htm>. Acesso em: 18 out. 2022
 16. FREITAS, Heloisa; HENRIQUES, Susana; UVINHA, Ricardo; LUSBY, Carolin; ROMERA, Liana. Alcohol consumption and night-time leisure among Brazilian university students. **International Journal of the Sociology of Leisure**, Berlim, v. 3, n. 4, p. 389-399, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s41978-020-00069-w>. Acesso em: 14 out. 2022.
 17. GARCÍA-RUIZ, Manuel; SÁNCHEZ, Iñigo; MARTINS, João Carlos; PIRES, Cristina Vale; NOFRE, Jordi. Governing the night in post-Covid 19 Lisbon: challenges, opportunities, and uncertainties. In: DOUCET, Brian; MELIK, Rianne van; FILION, Pierre (ed.). **Global reflections on covid-19 and urban inequalities**, v. 4. Bristol: Policy Press, 2021. p. 47-58.
 18. GIAEVER LÓPEZ, Maria. Temporary autonomous home: free parties and migration on the margins of the urban night. **Crossings: Journal of Migration & Culture**, Bristol, v. 13, n. 1, p. 27-42, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1386/cjmc_00053_1. Acesso em: 14 out. 2022.
 19. GOFFMAN, Erving. **A apresentação do Eu na vida de todos os dias**. Tradução: Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio d'Água, 1993.
 20. GRONDEAU, Alexandre; DOURTHE, Gwenaelle. Approches géographiques de la nuit urbaine libre et festive. *Émulations*, Louvain, v. 33, p. 73-89, 2020. Disponível em: https://ojs.uclouvain.be/index.php/emulations/article/view/grondeau_dourthe. Acesso em: 18 out. 2022

21. GRYNSZPAN, Emmanuel. **Bruyante techno**: réflexion sur le son de la free party. Paris: Éditions Mélanie Seteun, 2019.
22. HOLM, Nicholas. No time for fun: the politics of partying during a pandemic. **Cultural Studies**, Londres, v. 35, n. 2-3, p. 452-461, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09502386.2021.189802X6>. Acesso em: 14 out. 2022.
23. HUBBARD, Phil; LYON, Dawn. Introduction: street life – the shifting sociologies of the street. **The Sociological Review**, Thousand Oaks, v. 66, n. 5, p. 937-951, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0038026118771281>. Acesso em: 14 out. 2022.
24. JURIS, Jeffrey; KHASNABISH, Alex (ed). **Insurgent Encounters**: Transnational Activism, Ethnography, and the Political. Londres: Duke University Press, 2013.
25. KOSNICK, Kira. Racialized youth mobilities in European nightlife cultures: negotiating belonging, distinction and exclusion in urban leisure. **Transnational Social Review**, Londres v. 8, n. 3, p. 286-298, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/21931674.2018.1509927>. Acesso em: 14 out. 2022.
26. NOFRE, Jordi. Vintage nightlife: gentrifying Lisbon downtown. **Fennia: International Journal of Geography**, Helsinki, v. 191, n. 2, p. 106-127, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.11143/8231>. Acesso em: 14 out. 2022.
27. NOFRE, Jordi; GARCÍA-RUIZ, Manuel; SÁNCHEZ-FUARROS, Iñigo; PIRES, Cristina Vale. Esperanças e incertezas na indústria da vida noturna da Europa pós-covid-19. **Finisterra**, Lisboa, v. 55, n. 115, 249-254, 2020a. Disponível em: <https://doi.org/10.18055/Finis20160>. Acesso em: 14 out. 2022.
28. NOFRE, Jordi; MARTINS, João Carlos; VAZ, Domingos; FINA, Rosa; SEQUERA, Jorge; VALE, Patrícia. The “Pink Street” in Cais do Sodré: urban change and liminal governance in a nightlife district of Lisbon. **Urban Research & Practice**, Londres, v. 12, n. 4, p. 322-340, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17535069.2018.1449010>. Acesso em: 14 out. 2022.
29. NOFRE, Jordi; MARTINS, João Carlos; VAZ, Domingos; PIRES, Cristiana. Liminal governance in the Lisbon night. **Fórum Sociológico**, Lisboa, v. 37, p. 49-62, 2020b. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/sociologico.9266>. Acesso em: 14 out. 2022.
30. PANDEMIA de coronavírus não afasta centenas de jovens da noite no Cais do Sodré em Lisboa. **Correio da Manhã**, Lisboa, 14 abr. 2020. Disponível em: <https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/pandemia-de-coronavirus-nao-afasta-jovens-da-noite-no-cais-do-sodre-em-lisboa-centenas-juntam-se-para-beber>. Acesso em: 14 out. 2022.
31. PETERS, Michael; HOLLINGS, Stephanie; GREEN, Benjamin; OGUNNIRAN, Moses Oladele. The WHO, the global governance of health and pandemic politics. **Educational Philosophy and Theory**, Londres, v. 54, n. 6, p.707-716, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00131857.2020.1806187>. Acesso em: 18 out. 2022.

32. POSPĚCH, Pavel. Policing cities: incivility, disorder, and societal transformations. **Sociology Compass**, New Jersey, v. 15, n. 3, e12857, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/soc4.12857>. Acesso em: 14 out. 2022.
33. RAPOSO, Otávio. “Tu és rapper, representa arrentela, és red eyes gang”: Sociabilidades e estilos de vida de jovens do subúrbio de Lisboa. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Lisboa, n. 64, p. 127-147. Disponível em: <https://journals.openedition.org/spp/300>. Acesso em: 18 out. 2022.
34. RAPOSO, Otávio. ‘Nós representa a favela mano’: B-boys da Maré superando estereótipos. **Antropolítica. Revista Contemporânea de Antropologia**, n. 37, p. 21-50. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/9695>. Acesso em: 18 out. 2022.
35. RAPOSO, Otávio; ALVES, Ana Rita; VARELA, Pedro; ROLDÃO, Cristina. Negro drama. Racismo, segregação e violência policial nas periferias de Lisboa. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 119, p. 5-28. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/8937>. Acesso em: 18 out. 2022.
36. ROBINSON, Cara. Nightscapes and leisure spaces: an ethnographic study of young people’s use of free space. **Journal of Youth Studies**, Londres, v. 12, n. 5, p. 501-514, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13676260903081657>. Acesso em: 14 out. 2022.
37. SHEPHERD, Hana; MACKENDRICK, Norah; MORA, Cristina. Pandemic politics: political worldviews and covid-19 beliefs and practices in an unsettled time. **Socius**, Washington, n. 6, 2378023120972575, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/2378023120972575>. Acesso em: 18 out. 2022.
38. SMITH, Andrew; ELDRIDGE, Adam (ed.). **Tourism and the night: rethinking nocturnal destinations**. Londres: Routledge, 2021.
39. SOMMER, Udi; RAPPEL-KROYZER, Or. Pandemic Politics in the United States: COVID-19 as a New Type of Political Emergency. **Political Psychology**, New Jersey, v. 43, n.4, p. 769-792, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/pops.12792>. Acesso em: 18 out. 2022.
40. VALENTE, Ricardo. Antù abre as portas em Lisboa. **Contracoutura**, 31 jul. 2021. Disponível em: <https://contracoutura.pt/antu-abre-as-portas-em-lisboa/>. Acesso em: 14 out. 2022.
41. WALTNER-TOEWS, David. **The chickens fight back: pandemic panics and deadly diseases that jump from animals to humans**. Vancouver: Greystone Books Ltd., 2009.
42. WILKS, Linda; QUINN, Bernadette. Linking social capital, cultural capital and heterotopia at the folk festival. **Journal of Comparative Research in Anthropology & Sociology**, Thousand Oaks, v. 7, n. 1, p. 23-39. Disponível em: <https://doi.org/10.21427/D7BP6G>. Acesso em: 18 out. 2022.

Guilherme Teixeira Costa

Mestrando em Estudos Urbanos pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas Universidade NOVA de Lisboa. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1409-7539>. Colaboração: Pesquisa bibliográfica, Pesquisa Empírica, Redação e Revisão. E-mail: guilherme_teixeira_costa@iscte-iul.pt

Otávio Raposo

Investigador Integrado do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia e Professor Auxiliar Convidado do Instituto Universitário de Lisboa. Doutor em Antropologia pelo Instituto Universitário de Lisboa. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8000-6901>. Colaboração: Pesquisa bibliográfica, Pesquisa Empírica, Redação e Revisão. E-mail: Otavio_Raposo@iscte-iul.pt

João Carlos Martins

Professor Auxiliar Convidado em Sociologia do Turismo na Escola Superior de Gestão Hotelaria e Turismo da Universidade do Algarve. Doutor em Sociologia pela Universidade NOVA de Lisboa. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4832-7171>. Colaboração: Pesquisa bibliográfica e Pesquisa Empírica. E-mail: joaomartins.cf@gmail.com

Manuel Garcia-Ruiz

Doutorando em Sociologia pelo Instituto Universitário de Lisboa. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2141-2525>. Colaboração: Pesquisa bibliográfica e Revisão. E-mail: urbiteit@gmail.com | manuel_ruiz@iscte-iul.pt

Jordi Nofre

Investigador Principal Fundação para a Ciência e a Tecnologia e Coordenador do Grupo de Investigação LXNIGHTS. Doutor em Geografia pela Universidade de Barcelona. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7367-1337>. Colaboração: Pesquisa bibliográfica e Revisão. E-mail: jnofre@fesh.unl.pt